

breve ato de descascar laranjas e a coragem de se reconhecer na finitude

breve ato de descascar laranjas and the courage of recognizing our own finitude

Milena Martins Moura

Universidade Federal Fluminense (UFF)

milenamartinstradutora@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9034-8558>

GARCIA, Bianca Monteiro. *breve ato de descascar laranjas*. Rio de Janeiro: Macabéa Edições/ 7Letras, 2023.

breve ato de descascar laranjas, livro de estreia de Bianca Monteiro Garcia pelas editoras Macabéa Edições e 7Letras, é uma obra que abraça a diversidade temática, mergulhando, no entanto, em todos os eixos trabalhados, numa perspectiva pessoal que aponta para questões universais da existência humana, a qual é aqui exposta como indissociável da dor.

Seria impossível tratar a poética deste livro sob uma perspectiva meramente analítica, já que, pela palavra, sempre permeada de referências claras à vida da autora, atinge-se um ápice de emoção que chega a todos os leitores, vivam eles ou não realidade semelhante. *breve ato de descascar laranjas* é um livro no qual não se mergulha sem deixar um pouco de si e umas lágrimas demoradas. Em uma força poética que usa o luto, a melancolia da perda e dores fortes e irremediáveis advindas desse processo como fomento poético, Bianca trabalha temas universais por uma perspectiva própria que, justamente por estar ao rés do chão, sem grandiosidades rebuscadas, chega a cada leitor com a mesma força, independentemente de seus contextos diferentes de vida.

Um breve ato de enfiar o dedo nas feridas mais dolorosas da existência humana e expô-las a céu aberto, para que se expurguem pela dor, mas tudo isso com o sublime da poesia e uma genialidade ímpar na sua geração.

Alguns aspectos fazem do livro um artefato especial, não apenas por seu conteúdo, mas também pelo objeto físico: produzido na técnica de cianotipia, processo de impressão fotográfica em tons de azul, o livro traz fotografias do acervo pessoal de Bianca, demonstrando caráter autobiográfico forte. Curiosamente, é justo essa técnica que faz com que os rostos de personagens como o pai e a avó, tão essenciais a essa obra, sejam borrados e pouco visíveis, o que é por si bastante simbólico, deixando uma névoa sobre a realidade da corporeidade daqueles que se foram.

Nesse ensejo, o azul auxilia inclusive na ironia contradizente do título, no qual o elemento “laranja” se destaca: a fruta laranja, que o pai usa para ensinar à filha o movimento de rotação da Terra em um dos poemas, mas também a cor laranja, que é o oposto do azul no espectro cromático.

Reforçando um caráter autobiográfico bastante caro à construção dessa obra, muitas referências à cultura apreciada por Bianca, como músicas, filmes e poemas de outros autores, aparecem ao longo do livro, havendo inclusive, ao final da obra, uma seção chamada “nota da autora”, na qual tais referências são explicitadas. Essa escolha editorial é mais um passo de aproximação entre os sujeitos que escreveu e que está lendo.

breve ato de descascar laranjas se divide em quatro partes, simbólicas pela interdisciplinaridade com as ciências naturais, o que poderia dar ao leitor uma sensação de distanciamento e frieza, remetendo às chamadas “ciências duras”; mas simbólica também por ser justamente essa referência a que mais se aproxima do afeto paterno, dessa lembrança de pai que, no luto, deixa de ser presença física e passa a presença psíquica, suscitando o apego a lembranças fundantes. São elas: “descontinuidade de mohorovicic”, que trata do luto pela perda precoce do pai; “crosta”, que trata do luto pela perda da avó; “manto”, que trata de um período de internação em uma instituição psiquiátrica; e “núcleo”, que trata do isolamento pandêmico.

Todas essas seções fazem menção à constituição geológica do planeta Terra: descontinuidade de mohorovicic diz respeito à fronteira que separa a crosta terrestre do manto, sendo as demais partes cada uma mais profunda, até chegarmos ao núcleo.

A parte chamada “crosta” pode estabelecer uma dupla leitura: tanto a crosta terrestre quanto uma referência à pele idosa da avó em processo de morte. É importante frisar a presença do corpo ao longo de todo o livro: um corpo que pode ser a lembrança de quem morreu quando ainda se encontrava em vida, um corpo morto, o corpo do sujeito enlutado, corpos considerados divergentes socialmente pela dimensão da neuronormatividade, o corpo encarcerado. Assim, as partes do livro também podem fazer menção ao aprofundamento das dores e do luto nesse corpo que escreve, bem como à tentativa de chegar ao cerne do processo de lidar com a perda irreversível de um ente amado.

A parte chamada “manto” também pode ensejar uma leitura múltipla: o manto terrestre, mas também o manto como espaço seguro sob o qual se protege o sujeito divergente para não perder sua identidade quando da tentativa de adequação à neuronormatividade; o manto de uma pretensa sanidade-padrão que deseja ser imposta a esse sujeito; ou mesmo o manto de uma loucura que seria vista socialmente como incapacitante em vez de potencializadora.

Já em “núcleo” chega-se ao tempo presente da escrita do livro: o isolamento social. A poeta sai do isolamento na instituição para o isolamento doméstico provocado pela pandemia da Covid-19. Nessa parte, encontramos poemas que remetem à intimidade e autognose, o que coaduna bem com o termo que a nomeia.

breve ato dá imenso destaque à temática do luto, permeada não apenas pelas perdas de pessoas queridas, mas também da liberdade e do controle sobre o estado de coisas. O luto como privação remete à dimensão da ausência em todos esses casos.

No entanto, quando falamos sobre o luto em *breve ato*, não estamos falando da representação do corpo morto, paralisado e inerte, que vai ser obliterado pelo processo de apagamento que a morte enseja. Falamos, sim, desse corpo como lembrança da criatura viva que ele foi. Assim, o pai morto é rememorado em diversas ocasiões emblemáticas, inclusive no poema já citado, no qual o foco principal é o *movimento* de virar a laranja. O movimento, algo que é da esfera da vida, já que se mover é negar a paralisia irremediável da morte.

A dimensão da lembrança pode ser vista como mecanismo de *coping* para uma ausência perpétua, colocando o corpo já obliterado na condição de retorno à existência. Pode ser também percebida como maneira de lidar com a perspectiva do próprio

perecimento, pois existir como criatura viva é justamente estar em processo de morte e consequente apagamento. Rememorar a criatura que partiu é forma de manter sua memória, que é uma manutenção da sua presença, prova de que aquele ser existiu – algo que nós próprios esperamos daqueles que nos sobreviverem, para que mantenham, ainda que por tempo limitado, nossa memória.

Essa dimensão se mostra não apenas na lembrança do corpo que partiu, mas em se citarem seus pertences: a casa, eventos de sua vida anteriormente ao nascimento daquela que lembra (ou seja, uma memória de contação, não de vivência), além, é claro, das fotografias que aparecem ao longo do livro, as quais dão ao leitor um rosto e um corpo para esses sujeitos que estão sendo lembrados, bem como uma contextualização para sua presença no mundo e no livro. Por causa da aplicação da cianotipia, as fotografias, como já dito, ficam pouco inteligíveis, deixando aí um espaço não preenchido completamente – uma figura que não é completa.

Outra característica importante de *breve ato* é a constante menção ao silêncio, um silêncio que não apenas permeia o vazio deixado aos vivos pela ocasião de uma morte, mas também o silêncio daquele corpo morto que não mais fala ou se move e, conseqüentemente, não pode mais estar nos locais pelos quais passou em vida e marcar ali a sua materialidade sonora, deixando casa, quarto, carro que foram seus silenciados pela sua inexistência.

Diferentes processos de morte aparecem no livro. Enquanto a perda do pai é repentina, o que pode ser sentido no teor dos poemas da primeira parte (um luto enfático e que parece ainda tentar se ajustar à nova condição), na segunda parte a morte da avó é lenta e dolorosa para todos os envolvidos, mas não surpreende, o que parece oferecer tempo para o enfrentamento se dar quando do momento do óbito.

E aqui frisamos que, apesar de haver um momento datado de óbito, a morte é um processo que se inicia no nascimento: dadas possíveis diferenças, a morte é o processo de degradação do corpo que o leva ao não funcionamento total, momento do óbito, e à completa obliteração pela decomposição. O luto é uma dimensão que acompanha os últimos momentos desse processo como forma de adequação ao espaço deixado pela recente inexistência de um sujeito que estava ali antes e não vai estar nunca mais. O luto é o enfrentamento à ausência mais extrema.

breve ato de descascar laranjas e a coragem de se reconhecer na finitude

Também acessamos, de maneira muito enfática na terceira parte de *breve ato*, a dimensão do corpo: corpos vivos, porém considerados desajustados socialmente. Corpos privados de liberdade e desautorizados de si, os quais, para recuperarem seu status de sujeito autônomo, precisam de cura, a qual, por sua vez, apenas virá pela intervenção de outrem (outros sujeitos, com outros corpos, esses sim vistos como adequados ao convívio social – daí também a dimensão da privação de liberdade).

Essa parte coloca em embate a sanidade *vs.* a loucura numa arena em que o sujeito dito louco consegue discernir o desajuste dos sujeitos ditos sãos. Percebe-se uma voz que se agarra a tudo aquilo que lhe representa para manter-se em si mesma, na sua identidade como criatura humana, criativa e com uma personalidade e uma potência próprias, um modo próprio de existir no mundo. Assim, de certa forma, esse sujeito, que deveria ser corrigido para retomar a sanidade, busca justamente manter-se são pela negação do ajuste que lhe desejam impor.

No todo do livro, o mergulho corajoso que Bianca faz traz à tona toda uma bagunça emocional que é de todo sujeito vivo, aquele cujo único futuro é morrer.

Recebido em: /01/2024

Aceito em: 12/04/2024

Milena Martins Moura: bacharel em Letras e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É editora da revista *cassandra* e da *Macabéa Edições*.